

CRIANÇAS REFERENCIADAS E EM RESIDÊNCIAS DE ACOLHIMENTO NO DISTRITO DE BRAGA: RISCO FAMILIAR

Judite Zamith-Cruz¹ & Zélia Anastácio²

¹Centro de Investigação em Educação (CIEd), Universidade do Minho, juditezcz@ie.uminho.pt

²CIEC, Universidade do Minho, zeliarf@ie.uminho.pt

RESUMO

Pela repercussão de determinadas famílias serem estigmatizadas, considerando-se “disfuncionais” ou “desestruturadas” (Furniss, 1991; Marvasti, 1995), tivemos como objetivos favorecer a identificação de fatores socioculturais (e de estrutura familiar) e discriminar indicadores de mal-estar e risco familiar. Com uma metodologia qualitativa, num contexto de investigação-ação (Bryman, 2008; Denzin & Lincoln, 2005), junto de crianças referenciadas para acolhimento institucional foi utilizado por estudantes de ensino superior um guião, para entrevistas individuais, face a face e semiestruturadas (Harrison, Geddens, & Sharpe, 2006). Selecionamos para a amostra crianças a viverem em Centros de Acolhimento Temporário (CAT), incluindo-se 7 do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Para análise dos dados recolhidos recorremos a metodologias visuais e de análise de discurso (Rose, 2005). Os resultados permitiram-nos identificar crises familiares graves e outras mudanças aludidas constatando-se ser desenhada a “pessoa especial” e uma família (Corman, 1967; Font, 1978). Os diálogos sobre as circunstâncias e atividades do quotidiano, revelaram que o insucesso escolar é uma manifestação de preocupação de quem tenta incentivar os mais novos na procura de amizades, na construção de uma maior autonomia, estabelecendo-lhes limites de conduta e apoio na criação de objetivos e nos seus esforços para dominarem a agressividade.

Palavras-chave: crianças, acolhimento, risco familiar.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Com estudantes do 2º ano do Curso de Educação Básica, do Instituto de Educação da Universidade do Minho, trabalhou-se com crianças em contexto de acolhimento institucional. Estes jovens estudantes, além de se estarem a preparar para trabalhar em contextos educativos e de terem formação para aceder às conceções das crianças, têm revelado também grande vontade em realizar voluntariado juntos de grupos de crianças institucionalizadas.

Por seu turno, como temos vindo a observar, os contextos de institucionalização de crianças e jovens em risco também contam com o apoio de jovens voluntários da área da educação, sobretudo para o apoio ao estudo das crianças, bem como para a dinamização de atividades lúdicas e desportivas. No trabalho que apresentamos, as atividades foram orientadas por questões relativas a recordações e desejos futuros, alegrias e tristezas, entre outras emoções negativas (Zamith-Cruz, J. (2004). Todavia, primeiro, as crianças colocaram perguntas ao *senhor sabichão*, um *sabe tudo*. Para procederem à intervenção realizada, os futuros professores receberam da parte das investigadores instruções adequadas com vista à recolha de dados.

Iremos mostrar como as suas perguntas e respostas são diferenciadas, segundo género e família. Tem-se como objetivos específicos favorecer a identificação de fatores socioculturais (e de estrutura familiar) e discriminar indicadores de mal-estar e risco familiar. Em relação a famílias *(des)estruturadas* (Furniss, 1991; Marvasti, 1995, Dias Ribeiro, & Magalhães, 2010, p. 35) foram-nos notificadas por cuidadores em Centros de Acolhimento Temporário (CAT) situações de violência conjugal, vínculos frágeis no casal, mudança frequente de residência e de companheiro da mãe, limitada comunicação e regras limitadas, ambivalentes ou inadequadas.

METODOLOGIA

Seguindo uma metodologia qualitativa, num contexto de investigação-ação (Bryman, 2008; Denzin & Lincoln, 2005), realizaram-se entrevistas semidiretivas, a crianças, com o auxílio de um guião concebido para o efeito, com blocos temáticos de pedido de representações visuais/pictogramas e questões. Usaram-se também metodologias visuais (Bryman, 2008; Denzin & Lincoln, 2005), em que se teve o intuito de criar uma situação de escuta ativa (Bourdier, 1993, p. 906) junto de crianças *difíceis*, individualmente, para ajuda à sua verbalização e melhor bem-estar.

Instrumento de recolha de dados

Um meio introdutório de trabalho em colaboração foi pedir às crianças que desenhassem uma “pessoa especial”, a qual identificaram e responderam sobre a razão

para assim ser valorizada («porque é que essa pessoa é especial para ti?»), mas após terem criado o desenho da pessoa (Goodenough, 1926).

Foi-lhes fornecido um lápis preto n.º 2, borracha e folha de papel branco em formato A4. Depois das questões formuladas, inquiriu-se, individualmente: «Desenha uma família que tu queiras... uma família qualquer», seguida a instrução de Louis Corman (1967). Todo o desenho foi valorizado, mesmo elaborado de forma entendida como “primária”. O guião de análise foi adaptado também de Corman (1967) para aspetos do pictograma: (1) A criança retrata-se ou não; (2) Em que parte da folha se localiza o desenho; (3) Existe ou não texto/diálogo entre figuras; (4) Observam-se ou não estereotípias; (5) Alguma/s figura/s dão-se ou não as mãos; (6) Qualidade ou não de pintura; (7) Pormenores/detalhes presentes ou ausentes; (8) A borracha é ou não é usada; (9) As figuras apresentam expressões faciais de alegria, ou mostram-se sisudas e sóbrias; (10) Existe ou não uma figura mais valorizada; (11) A amplitude das linhas é pequena ou grande; e (12) É colocada muita força no traçado ou o inverso. Na análise de dados explicitam-se esses 12 critérios identificados.

Procedimento

No que se refere ao procedimento de entrevista para crianças (Harrison, et al., pp. 319-320), que decorreu em mais do que uma sessão, o/as jovens adulto/as foram orientados/as para introduzirem a atividade com uma brincadeira ou diálogo tranquilizador (acontecimentos da vida recente, gostos e aversões), captando a confiança da criança, tendo anotado informações de linguagem, comportamento e atenção, para a construção da anamnese (história clínica).

Foram seguidas as “instruções” e normas de análise do desenho da família. Cada estudante anotou, primeiro, as suas observações pessoais e subjetivas e, depois, os indicadores relativos ao conteúdo no desenho e ao nível formal.

Para a análise dos dados recolhidos, seguiram-se as orientações de Rose (2005) para a análise de discurso, após expressão pictográfica, segundo Louis Corman (1967), que utilizou no passado regras de análise de desenhos, no que evidenciou a *projeção de*

conflitos, o que já seria observado no desenho de uma pessoa (Borelli-Vincent, 1965). O termo projeção fora distinguido em duas vertentes por Didier Anzieu (1963; cit. por D. Widlöcher, 1965), entre a abordagem do ato percetivo projetado e a exploração inconsciente, ou seja, a condição clínica em que se «confere a outrem o que não se queira admitir em si mesmo... em que o que define a projeção é o *deslocamento*, uma estratégia defensiva» (Debienne, 1968, p. 45). Nessa última asserção, que dizer de um pictograma em que a figura é riscada? Um problema em relação a essa figura, pode indicar o desejo do seu afastamento. E a família (ou pessoa) num quadrado, pode significar a vontade de se libertar por desajustamento. E o desenho de pessoas falecidas e ausentes? Assim colocado, o conteúdo temático e a forma do desenho interpenetram-se (Debienne, 1968, pp. 45-46): o *vivido projetado* e o *ato projetivo* (conteúdo) e percetivo (forma). Os dois cambiantes estão presentes na fenomenologia (percepção pessoal) do desenhador.

Caraterização da Amostra

Apresentamos os dados das crianças a viverem em Centros de Acolhimento Temporário (14), 7 raparigas e 7 rapazes, referindo as suas condições de vida familiar, primeiro as meninas e a seguir os rapazes, da criança mais nova para a mais velha e com nomes fictícios.

- 1) Aos 5 anos e 4 meses, Ana tem o pai preso há vários anos, por tráfico de drogas, pelo que visita somente a mãe, que se encontra desempregada. Foi referenciada na escola, com o Modelo 5020/A, para apoio psicológico.
- 2) Com idade superior de 6 anos e 3 meses, Beatriz não conhece o pai, mas mantém relacionamentos com a mãe, tia e avós maternos, durante os fins-de-semana. A progenitora encontra-se desempregada, vivendo Beatriz separada também das irmãs. Quer ser professora, «porque eu *trabalho bem* e vou ser professora de matemática.» Com dificuldades escolares, a nível psicomotor, linguístico (vocabulário reduzido, com problema articulatório, devido à contração dos músculos da face), entre outros motivos, por ter uma doença rara, com os seguintes sintomas de “marcha do pinguim”: rigidez

(muscular), bradicinesia (lentificação dos movimentos), tremor de repouso (de alta frequência e baixa amplitude) e instabilidade postural. É acompanhada por Equipa Local de Intervenção (ELI) e CPCJ, abrangida pelo Decreto-lei 3/2008, de 7 janeiro, vindo ainda a receber apoio de CERCI, em terapia da fala e fisioterapia, em cada área, 30 minutos semanais. Em termos clínicos, a sua contração dos músculos é quase permanente, sobretudo, da face, tronco, ombros e anca.

- 3) Carla, de 8 anos e 0 meses, perdeu o pai com 4 anos de idade e é celíaca, não podendo ingerir alimentos que contenham glúten.
- 4) Com 8 anos e 1 mês, Daniela nasceu na Suíça e veio para Portugal aos 5 meses de idade, ficando a cargo dos avós, só vendo os pais nas férias grandes, uma vez no ano. Deixou entretanto de residir com uma tia, dois primos e avó, mas ao contrário de si, um irmão de 19 meses vive com os pais.
- 5) Da mesma idade, Elsa tem insucesso escolar marcado, encontrando-se em risco de não transitar do 2º ano. Os pais já idosos têm reduzidas habilitações académicas e uma vida muito ocupada em trabalhos agrícolas. Chegou a ser seguida por CPCJ e separada por medida judicial. Dos seus quatro meios-irmãos, só conhece uma menina.
- 6) Francisca, também com 8 anos, apresenta atraso de desenvolvimento referenciado, tendo vivido situações de violência doméstica, anterior à emigração dos pais.
- 7) Por último, Gabriela tem 8 anos e 8 meses. Elucida outra situação e risco, com o pai desempregado, a mãe trabalhando como cozinheira, estando afastada de ambos. Com exceção de educação física e música, nas restantes disciplinas tem indicação de “dificuldades específicas de aprendizagem”.

Entre os rapazes selecionados:

- 1) o mais novo tem 5 anos e 10 meses e atribui-se-lhe o nome de António. Desconhece o pai, que trabalha na Alemanha.

- 2) Bernardo, de 6 anos e 9 meses é doente crónico, por asma grave e alergias frequentes, o que impede o seu bem-estar e algumas brincadeiras. Tem muitos medos, inclusive do pai.
- 3) Carlos tem 7 anos e 7 meses. Vivendo em instituição, visita regulamente o pai, separado da mãe, que não tem relação consigo, mas pensa ter falecido.
- 4) Com 9 anos e 11 meses, Diogo tem uma irmã de 18 anos, igualmente institucionalizada. O seu pai não vive em Portugal, tendo nos últimos anos apenas convivido mais com a mãe e a irmã. Mas quando o pai regressa a casa nas festividades, mais nos últimos tempos, Diogo assiste a repetidas discussões dos pais, incluindo violência física.
- 5) Ernesto de 10 anos e 9 meses tem características autistas, preocupações obsessivas e imaturidade, permanecendo no 1º ano de escolaridade.
- 6) Filipe, com 10 anos e 11 meses, sofreu a morte de irmão e continua a assistir nas visitas a casa, sofrendo, a ritos religiosos em que toda a família assiste.
- 7) Aos 11anos e 10 meses, Gaspar evidencia pontos fortes nas áreas desportivas, sendo considerado “curioso” sobre futebol que pratica. As áreas fracas revelam-se nas muitas dificuldades de «memorização, cálculo, raciocínio, atenção e concentração». É desorganizado e *trapalhão*. Gaspar nasceu na Suíça onde permaneceu até aos 7 anos de idade, quando ingressou no 1º Ciclo do Ensino Básico em Portugal, com acentuados “problemas de adaptação”. Segundo cuidadores, foi referenciado por uma equipa de educação especial, vindo a ser abrangido pelo Decreto-lei 3/2008, de 7 de janeiro. Sendo a sua família considerada “muito problemática”, tem orientação de CPCJ e recebe apoio do Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) do agrupamento de escolas em que se insere.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Ana, como foi referido tem o pai preso, que não visita. Localiza-se no “desenho da família” entre a mãe e a irmã. Mas em primeiro lugar está a figura do pai, que se situa mais à esquerda no papel, seguido das figuras da mãe e dela e, por último e mais à

direita, da irmã. O pai foi apagado e redesenhado várias vezes. Não existe um cenário envolvente. O único texto existente são os nomes dela e da mãe.

A representação pictográfica da Beatriz localiza a própria menina em segundo lugar. A mãe foi colocada primeiro (o *cabelo está a voar*, logo apagado), a irmã mais nova em terceiro, a irmã mais velha em quarto lugar e, em último, o Rafael (*que gordo* pelo que o apagou do lado esquerdo da figura), irmão com 13 anos, com morada na casa dos avós maternos. Ele é o único a não lhes dar a mão na representação. Conta uma ocasião, que não mais esqueceu: «Quando o Rafael foi viver para a casa da avó.» Em casa e no CAT Beatriz sonha com a mãe ficar sozinha e sonha com *os monstros* - «eu estava em casa e eles batiam sempre à porta.» O mais importante para *toda* a sua família é o sofá, onde se sentam juntinhas, a cama, a televisão e o fogão. Anteriormente, desenhara uma “pessoa”, como ela: «Uma rapariga de 6 anos, feliz... Não tem nenhum defeito, a Princesa.» A sua pessoa “especial” é a Ariana, «porque brinca consigo», na escola, onde se sente “feliz”. Na instituição escolar, «... às vezes, às sextas-feiras, porque [a Adriana] é muito *fixe*.» Beatriz autoatribui-se qualidades: «Brincalhona, feliz, alegre, amiga das amigas, a Ariana e a Tamara.» Nos tempos livres, chega a ir com elas «ao parque, porque tem baloiços e escorregas.» Mas tem medo de «pessoas disfarçadas de monstros», pelo que quando tem medo, «poe-se de pé e vê tudo.» As irmãs de quem está afastada, durante a semana, não brincam consigo e é ela a tentar demovê-las da exclusão sentida, pedindo *se faz favor*. A mãe *berra-lhe* e *bate-lhe* com frequência: «Digo à minha mãe [que] ‘não fui eu’ [quem fez asneira] e ela bate-me.» Se os seus sapatos voassem, gostava que «[os sapatos voadores] a levassem ao Jesus.» E se encontrasse uma fada, pedia-lhe estes três desejos: «Dar moedas, dar um brinquedo, dar um guarda-chuva.» À pergunta *E se imaginasses estar no teu lugar preferido?* Respondeu que estava com as suas professoras.

Em terceiro lugar, Carla disse o seguinte: «Escolhi [desenhar] a família da minha tia Zeza, porque ela é muito, muito, muito minha amiga e tem uma filha com quem gosto muito de brincar... e o meu tio que é muito alto e levanta-me no ar quando tenho medo dos cães.» E porque é que o irmão é a sua pessoa “especial”? «Porque ele ajuda-me a mim e à minha mãe, quando precisamos.»

Por sua vez, Daniela viveu com avós e primos, nunca com os pais e irmão, mas representa-os, colocando-se em último lugar, pela seguinte ordem: o irmão, o pai e a mãe, com maior riqueza de pormenores, situados antes dela.

Em quinto lugar, da mesma idade, Elsa tem quatro meios-irmãos, mas desenhou-se com a mãe à esquerda e o Pai à direita, mas sem eles.

Francisca manifestou imensas hesitações ao longo da concretização de uma família:

«Como vou desenhar o pai? (...) Desenho-o de camisa? Ou de camisola... A minha mãe nunca anda de vestido, mas eu acho que ela fica bonita de vestido, por isso, vou desenhá-la de vestido... Eu vou-me desenhar a mim com a roupa que tenho hoje vestida, porque foi a minha madrinha que me deu agora no Natal... Na camisola do Diogo [irmão] vou desenhar um carro, porque ele gosta muito de carros.»

Outra das meninas que decidimos apresentar por risco familiar, com maior pormenor, é identificada por Gabriela. Acha-se «amiga, engraçada e bonita...», mas tem “defeitos”, também autorreconhecidos – é [ou chamam-lhe] *feia e teimosa*. No pictograma de uma “pessoa”, desenhou uma figura de bailarina em pontas, muito bem delineada para a idade, com um maillot de ballet, clássico branco e sapatos *do character ballet royal dance nº 1*. Mas fez igualmente comentários espontâneos e sugestões: «Se eu desenhar uma bailarina, a tua professora da universidade vai gostar do desenho? (...) Como é que eu ponho a bailarina a dançar? (...) Fica mais *giro*.» Seguiu-se o desenho de uma pessoa “especial” e, de novo, perguntou: «A pessoa especial tem de ser alguém que eu conheça? (...) Posso desenhar o Pai Natal? Ele é especial para mim.» Dá-lhe sempre o que ela pede. No pedido de “desenho da família”, inquiriu logo o seguinte: «Posso desenhar *qualquer* pessoa ou tem de ser *alguém da família*? (...) Posso desenhar uma família lésbica? Acho que elas também *merecem* ser felizes... Vou fazer esta rapariga de cor preta, porque vai ser *o homem da relação*.» A companheira, branca, tem sapatos de ballet, como a sua figura humana inicial.

E a quem *saiba tudo*, o que lhe perguntaria? Quando ela iria *morrer*. Aliás, o momento que não esquece é quando *o passarinho morreu*. Com medo também que

«bata um ladrão à porta», costuma meter-se «debaixo dos cobertores». Acerca de *Um sonho?* refere: «Um dia sonhei que estava a ser raptada por *um preto* e que me tinha levado para um sítio muito escuro e muito porco. Acordei mesmo assustada e comecei a chorar.» As suas tristezas limitam-se, ainda assim, a querer *chupa-chupas* que não lhe dão. E se está triste, «come *até não poder mais*». E quando se sente zangada, *parte pratos*. Acontece muitas vezes *ferrar* a prima, que «não gosta, porque diz que lhe dói muito.» Mas fica feliz é «quando ganha um jogo de andebol... porque é sinal de que *as minhas adversárias perderam*.»

Além do interesse pelo andebol que pratica, Gabriela explicou, sem que lhe fosse formulada a questão: «Também falo muito com o meu namorado por *skype* e por *facebook*.» Veio depois a desenhar um “par”. «Tenho de desenhar um ‘par’ de quê? *Um par de meias?* Ah! Então assim vou desenhar-me a mim e ao meu namorado... Vou desenhar-nos [como *casal de namorados*, com um coração entre os dois] de mãos dadas, porque gostamos muito de andar assim juntos nos intervalos das aulas.»

Em casa, como os pais «não lhe dão atenção», Gabriela «*joga computador* e fala com ele [o seu namorado].» Onde se encontra o par desenhado? «No paraíso, a viver o grande amor *deles* [não dizendo ela e o namorado]... Para mim, o amor é quando dou beijinhos na boca ao meu namorado.»

Tudo imaginação e invenção da menina? Essa foi a posição da entrevistadora. Quando lhe perguntou quais eram os seus três desejos, ela contou a sua vontade em «ter filhos, casar e ir à China». Alguma coisa que quisesse muito, o que é? «Eu gostava muito de *deixar de ser anormal... não bato muito bem da cabeça*, às vezes.»

E se ela encontrasse um cãozinho azul? «Eu ia considerar-me uma *tolinha*.»

Deseja vir a ser hospedeira, para «poder viajar finalmente até à China». Mas mais fácil é imaginar-se já em outro lugar - «no Algarve.» O que gostava de fazer lá, no Algarve? «Gostava muito de dar beijinhos à beira mar ao meu namorado.»

Em relação aos rapazes, também consideramos por sequência de nível etário.

António não conhece o pai, emigrante, mas desenha a sua família. Colocou-se entre a mãe e o pai mas, por último, desenhou o “melhor amigo”, anteriormente representado: «É o Tiago, é o meu melhor amigo.» Porque é especial para ti? «Porque eu gosto muito das suas brincadeiras, são muito *fixes*.»

Na medida em que cada criança não vive no vazio e cria relações mentais com pessoas queridas, aprofunda-se o conhecimento de um outro menino, Bernardo, residente em CAT. Quando com ele conversámos, foi notória a instabilidade, não estando sentado muito tempo. Falador e sorridente contou como teria uma pergunta “estranha” para o *senhor sabichão*: «... Pedia para conversar com um macaco, porque gosto de bananas e o macaco também gosta de bananas... então, ia gostar de mim também.» Não se sente amado? Vindo a contar como o pai se ausenta, vai embora mas volta, desenhou uma família extensa com o pai, a mãe, ele, o avô e a avó. Na falta do pai fica “triste”: «Às vezes, eu fico triste, quando o meu pai vai embora, a minha mãe [vier a] morrer e as casas caem [verbo no tempo presente] e as pessoas morrem... porque depois fico sozinho, sem os meus pais... E depois pego na faca e mato-me.» Na figura nº 1 podemos ver que desenhou uma faca enorme, na sequência narrativa em que chora a mãe e se mata.

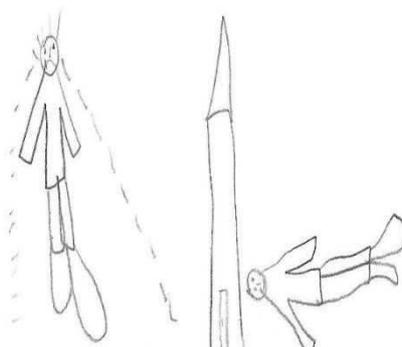


Figura 1 – «Fico triste, quando...» – Bernardo, 6 anos 9 meses

Além de Bernardo sofrer muito com receio de morte da mãe, teme que o pai lhe dê *abanões*, por não ter realizado *os trabalhos de casa*. Para ele o que é o amor? «É dar beijinhos na boca.» Sem a violência doméstica a que por vezes assiste teria outro amor.

Segue-se a análise de discurso e desenhos de Carlos que, segundo afirmou, o desenho da “pessoa” representa uma menina já crescida, “professora”, acrescentando que «gostava de desenhar no quadro com o giz.» A pessoa “especial” é a mãe: «A minha mãe é muito especial, porque está no céu a cuidar das estrelinhas.»

As suas perguntas ao *senhor sabichão* são pertinentes, a primeira reportada a não gostar de ir à escola e de estudar, ondem tem insucesso: «Porque é que temos de ir à escola?; Deus existe mesmo?; porque é que há meninos que não *tenhem* o que comer nem roupa para vestir, como nós?»

Carlos fica “feliz” em quatro circunstâncias: «quando a professora falta, a jogar à bola com os meus amigos, quando tenho intervalo e quando o jantar é piza.»

O seu pai dirá dele, segundo o assume, que é *teimoso* e «que estou sempre pronto a fazer asneiras.» Representa-se no “desenho da família” ao lado do pai e da bola, com que costumam jogar. A personagem mais valorizada é ele, a atender aos pormenores e cuidado colocado no lento desenhar-se.

Diogo, após desenhar uma “pessoa”, desenhou a pessoa “especial”, dizendo ser a irmã de 18 anos. Hesitara ao longo dos primeiros momentos a seguir ao pedido e repetiu: «... uma pessoa especial... a minha irmã... Eu gosto muito dela... às vezes, ajuda-me *nos trabalhos* e nas composições.» Quando lhe foi pedido para desenhar uma família, logo perguntou se não podia desenhar «outra *coisa qualquer*» e ainda insistiu: «Posso desenhar *outra* família?» A figura representada, em primeiro lugar, foi o membro mais novo, mais à esquerda na folha. Questionando-se do “porquê” de ser o primeiro, respondeu: «Porque é o mais novo e o mais pequeno... como eu.» Sendo inquirido se acharia ser o mais “importante” da família, disse o seguinte: «Sim, como eu sou o mais importante da minha.» No ambiente familiar que visita regularmente chega a assistir e a sofrer maus tratos, como foi referido na caracterização do subgrupo de estudo

Ernesto, um menino “autista”, desenhou duas figuras humanas, a primeira excessivamente esquemática para a idade e, a segunda, com a escrita de tratar-se do

pai, Diogo. Queria desenhar aliás o pai e a mãe, mas depois optou pelo progenitor sozinho. Esboçou-o tão pequeno, que foi solicitado a desenhar em maior dimensão. Colaborante, esmerou-se no traçado. Mas mais uma vez bastante ansioso, para a figura “especial”, perguntou se não poderia «ser *antes* duas ou três [pessoas representadas]...» Não conseguia escolher uma só, sendo-lhe dada a possibilidade. Explicou, que desenhou o pai e a mãe, «porque gosta muito deles e eles deixam-no pegar no telemóvel que é seu [dele].» Quanto à terceira pessoa, desenhou a entrevistadora, que o ajudou nos *deveres*. Finalmente, a família foi constituída pelo seu pai, mãe e entrevistadora. Porque não desenhou a irmã, se faz parte da sua família? Respondeu que «não gosta dela», tendo optado pela irmã que «queria ter». Outra observação a destacar é ter o pai a cabeça em forma de coração. Qual o motivo? Explicou que «gosta muito dele» e que tinha desenhado «a vermelho, porque ele é do *Benfica*.» Repetiu as figuras esquemáticas sem detalhes.

Filipe desenhou-se a sorrir, depois da representação da mãe e do pai. Foi comentando durante o desenho que utilizar o marcador é *mais fácil*, além de salientar o relevo logo conferido à figura paterna: «O meu pai tem um pé mais alto que o outro... A mãe vai ser rosa... E agora desenhar a saia? (...) Agora sou eu, sou mais pequeno.» Tão pequeno na folha? Durante outras conversações, fez inúmeras perguntas, com uma possível insegurança, de antemão manifesta: «Como vou pôr a cabeça?»; «Agora, como desenhar a cabeça eu não sei... Tens uma régua?.. Sabes desenhar mãos? (...) Pode ser um homem? É que se não [é um homem] não fica bem o cinturão.» Sobre a sua pessoa “especial”, representara já o pai, «porque dá-me muitas coisas e gosta de mim». Mas de forma ambivalente, acrescentou: «...[é] o meu pai, porque não sei fazer saias, é muito complicado... O meu pai é alto... O meu pai tem o cabelo um pouco grande.»

O que perguntaria Filipe a uma pessoa que *sabe tudo*? «Como fazer um autocarro de cartão, porque já quero fazer isso há muito tempo». Não tem quem o ajude. Em outra condição manifestou mais uma vez interesses materiais, em reação à pergunta sobre o que o faz feliz. Respondeu o seguinte: «Quando me derem um telemóvel... É *muito fácil* o que faz feliz... Se eu tiver um [telemóvel] faz-me feliz.» Três desejos? «Primeiro, *playsation 3*; segundo, ser um jogador [de futebol profissional]; terceiro, ter *muitos* amigos (...) E também tenho um *tablet!*» Fica triste, quando em casa, a mãe vai ao cemitério e preferia ficar a jogar no *tablet*. Tem medo? «Só de cobras! Fujo e o que tiver no chão pego e mato-a...» E tristeza? «Às vezes, eu fico triste, quando... as casas caem por cima das pessoas e as pessoas morrem...» Porquê? «Porque não gosto *disso* [da morte, tendo morrido o irmão].» «O que fazes, quando estás triste? «Choro e depois vou para um sítio isolado».



Figura 2 - «Fico triste, quando...» – Filipe, 10 anos 11 meses

Mais adiante na entrevista, Filipe veio a desenhar “um par”, dizendo ser «o *gajo* e a namorada». Questionando-o sobre *Em que é bom?* Disse ser em «Agilidade e corrida» E no que é pior? Respondeu «Teimoso e *chato*... faço asneiras e tenho *recados* na caderneta.» O que considera mais importante para a sua família? «Comida...» As suas respostas são breves, mas é [desenhado], em pormenor um *hamburguer*, *ketchup*, arroz, maionese e batatas. Na família, «às vezes, jogo às cartas com eles, saio aos domingos... antes íamos jogar para o campo de futebol, mas agora não... *Ninguém acredita* que jogo futebol de 11.» Por último, quando lhe foi pedido para completar uma outra frase com início fixado (ou *com cabeça*), salientou mais uma vez o futebol. A expressão verbal era a seguinte: «A minha vida mudou. Algumas coisas estão diferentes...» Explicitou-se ainda: «Conta-me uma ocasião da tua vida que nunca mais esquecesses?» Lembrou os outros: «Quando *os meus amigos* ganharam 12-0.»

Gaspar desenhou uma figura masculina, muito abaixo do nível etário esperado: «É um rapaz (...) sou eu (...) 11 anos.» Que aparência tem? «É bonito.» Que “defeitos” tem? «Nada...» Se ele participasse numa novela, que tipo de pessoa representaria melhor? «Fazia de Super-Homem.» O que foi logo observado? Virou imediatamente a folha entregue na vertical, para a posição horizontal e perguntou «se podia fazer nuvens». Pegou no lápis e começou a desenhá-las com algum cuidado, anteriormente ao traçado *mais difícil* da figura humana. Virou-se para o lado... apagou o braço do homem, do lado direito e, em seguida, apagou a mão do lado direito, duas vezes. Passou a apagar o braço do lado esquerdo e, por fim, disse “já está!” A sua pessoa “especial” é Ronaldo, desenhado na parte superior da folha, nas suas características, com entusiasmo espontâneo, a seguir registadas:

«... é o meu jogador preferido, porque joga bem, é bonito, tem chuteiras bonitas, tem o cabelo grande e mete gel... é *meu amigo*... marca golos, joga no Real Madrid e no Portugal... o número é o 7... é o melhor do mundo... e é especial para mim, porque *eu queria ser como ele*.»

Esta questão dominante reflete-se, quando se lhe pede que formule uma pergunta a um senhor *sabe tudo*: «Olá, como te chamas? Conheces o Ronaldo?» Quando fica alegre? «Quando marco golo.» Por que fica então feliz? «Porque marco os golos *todos*, e sou bom, *melhor que os outros*.» Quais são as suas qualidades? «Defender bem a jogar futebol e ser o melhor da sala.» Gaspar tem um “defeito” que é “bater”.

Também se coloca, em primeiro lugar no “desenho da família”, no traçado executado com força, indicador de energia. Em segundo lugar representa a irmã (diferenciando o género pelo cabelo comprido), em terceiro o irmão, a mãe em quarto (tão grande quanto ele, os maiores) e, por último, o pai, em pequeno. Apagou duas vezes os braços da terceira e quarta personagem, delineando figuras com linhas entrecortadas e pequenas. Dizendo ficar “triste”, quando o pai e a avó vão para a Suíça, por ter saudades, escreveu, posteriormente, algo ilegível: «Nunca me esqueço de ter deixado a avó na Suíça, quando vim para Portugal.»

CONCLUSÕES

Com o desenho da família, pretende-se apreciar o sentido afetivo e emocional de uma criança, o que possibilita apreender também o desenvolvimento psicomotor e esquema corporal, na estrutura da personalidade em contexto familiar dinâmico. Em termos de projeção (colocar no desenho o que sente), uma projeção superficial é desenhar a própria família (número de pessoas próximas, idades, sexo, etc.) e uma projeção profunda é apreciar as preferências afetivas.

Acentue-se que o insucesso escolar foi observado no subgrupo de crianças. Na medida em que desenhar tem uma faceta cognitiva, desenvolve a mente (Kellogs, 1979, p. 5), a estereotipia ou repetição na representação das personagens foi considerada um indicador de déficit, entre outros (ausência de texto/diálogo na forma de balões de fala e de pensamento, limitada elaboração das figuras, sem roupa, adereços ou pormenores, sem cenários, sem pintura de qualidade, pequena amplitude de linhas, fraqueza colocada no risco “inseguro”...). Foram usadas somente palavras na identificação/parentesco das personagens com caras esboçadas “alegres”. Mas há rostos não definidos ou sem boca. Há sobriedade noutros rostos “sérios”. Em certos pictogramas, a estrutura da figura humana não está sequer adquirida, por falta de membros - mãos, dedos e pés, aliás difíceis de delinear. Foi usada, por vezes, a borracha e a régua. No sentido dessas limitações, o diálogo elucidou-nos dos seus quotidianos e personalidades únicas.

As figuras não se dão as mãos, sinal de harmonia ou o seu desejo.

Sobre as personagens mais valorizadas apontou-se o seguinte, por ordem de valorização: o pai; a própria criança; a mãe e sem distinção. O pai, a criança e a mãe são, portanto, figuras “fortes”, mesmo sem relacionamentos de intimidade e proximidade.

Associaram-se situações e fatores de risco familiar grave e crise de desenvolvimento, por vezes, sobreponíveis, nessas crianças separadas da família por morte (de pai, de mãe e de irmão), pobreza, desemprego, emigração, disfunção/desestruturação familiar, com modelos tradicionais e monoparentais, desemprego de um/ambos os pais, sendo as doentes crónicas três, sinalizadas todas por défices no desenvolvimento, em ausência de figura/s adultas significativa/s.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Borelli-Vincent, M. (1965). *L'expression des conflits dans le dessin de la famille*. Revue de Neuropsychiatrie Infantile, 1965, 13, 1-2, pp. 45-65.
- Bourdieu, P. (1993). *La Misère du Monde*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bryman, A. (2008). *Social research methods*. Oxford: Oxford University Press.
- Corman, L. (1967). *Le dessin de famille*. Paris: PUF.
- Debienne, M.-C. (1968). *Le dessin chez l'enfant*. Paris: P.U.F..
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (Eds.) (2005). *Handbook of qualitative research*. London: Sage.
- Dias, I., Ribeiro, C., & Magalhães, T. (2010). A construção social do abuso na infância. In T. Magalhães (coord.), *Abuso de crianças e jovens: da suspeita ao diagnóstico* (pp. 7-21). Lisboa: Lidel – Edições Técnicas.
- Font, J.M.L. (1978). *Test de la familia – cuantificación y análisis de variables socioculturales y de estructura familiar*. Barcelona: Oikos-tau, s.a. – Ediciones.
- Furniss, T. (1991). *The multiprofessional handbook of child sexual abuse integrated management therapy and legal interventions*. London: Routledge.
- Goodenough, F. (1926). *Measurement of intelligence by drawings*. Chicago: World Books Company (edição francesa: *L'intelligence d'après le dessin*. Paris: P.U.F., 1957).
- Harrison, P., Geddes, J. & Sharpe, M. (2006). *Guia Prático de Psiquiatria*. Lisboa: Climepsi.
- Kellogs, R. (1979). *Children's drawings, children's mind*. N.Y.: Avon Books.
- Marvasti, J. (1995). Play diagnosis and play therapy with children victims of incest. In K. O'Connor & C. Schaefer (Eds.), *Handbook of play therapy* (vol. II). N.Y.: Wiley and Sons.
- Rose, G. (2005). *Visual methodologies*. London: Sage.
- Widlöcher, D. (1965). *L'interprétation des dessins d'enfants*. Bruxelles: Charles Dessart Édité.
- Zamith-Cruz, J. (2004). *Psicologia das estruturas básicas de conhecimento Esquemas mentais e experiências na infância*. Tese de Mestrado não publicada em Ciências Cognitivas, apresentada à Universidade Católica Portuguesa. Braga: Universidade Católica Portuguesa.